



A construção social do mundo rural pelos jovens rurais da comunidade do São Félix

Danielle Tavares da Silva⁽¹⁾; Francisco Carlos de Lucena⁽²⁾;
Julia Caroline dos Santos⁽³⁾

Página | 182

⁽¹⁾Bolsista (Aluna, pesquisadora); Instituto Federal de Alagoas – IFAL; *campus* Santana do Ipanema, AL; E-mail: danielletavares-silva@hotmail.com; ⁽²⁾Orientador (Professor de Sociologia, membro do GIPHU-Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Humanidades); IFAL; E-mail: fcsociologia@gmail.com; ⁽³⁾Voluntária (Aluna, pesquisadora); IFAL; E-mail: julia__santos@outlook.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2016; Aceito em: 20 de março de 2016; Publicado 06 de novembro, 2016. Copyright© Autor, 2016.

RESUMO: A pesquisa foi realizada na comunidade rural do São Félix, em Santana do Ipanema/AL. Objetivou-se com o projeto de pesquisa explicar como os jovens rurais migrantes e não migrantes representam socialmente o mundo rural. Utilizou-se da técnica da entrevista não estruturada e a etnografia. Foram realizadas quatorze entrevistas com jovens e com duas lideranças locais. Do total dos entrevistados, nove são do sexo feminino e não migrantes e cinco do sexo masculino e migrantes. O local das relações familiares é um dos significados positivos atribuídos pelos jovens ao campo. A zona rural é valorizada também como um espaço tranquilo e de contato com a natureza. Vale destacar que as dificuldades do mundo rural foram enfatizadas através da referência aos obstáculos criados pela distância da cidade, pela educação fragilizada e pela falta de emprego. Nesse contexto a migração orienta-se pela busca de emprego para conseguir a independência em relação aos pais e ajudar a família. Destacamos ainda que a saída dos jovens para as cidades fortalece o seu status social perante a comunidade. Em síntese, os jovens percebem o mundo rural como lugar bom para morar e precário em relação às possibilidades de realização dos seus projetos de vida.

Palavras-chave: Agricultura familiar, juventude, migração.

ABSTRACT: The research was carried out in the rural community of São Félix, in Santana do Ipanema / AL. The aim of the research project was to explain how the rural youths, both migrant and non-migrant, represent socially the rural world. The technique of unstructured interview and ethnography was used. Fourteen interviews were conducted with young people and with two local leaders. Of the total number of respondents, nine are female and non-migrant and five are male and migrant. The place of family relationships is one of the positive meanings attributed by young people to the countryside. The rural area is also valued as a quiet space and contact with nature. It is worth mentioning that the difficulties of the rural world were emphasized by reference to the obstacles created by the distance from the city, by weakened education and by lack of employment. In this context, migration is guided by the search for employment to achieve independence from the parents and help the family. We also emphasize that the exit of the young people to the cities strengthens their social status before the community. In summary, the young people perceive the rural world as a good place to live and precarious in relation to the possibilities of realizing their life projects.

Keywords: Family farmers, youth, migration.

INTRODUÇÃO

A pesquisa analisa como os jovens rurais migrantes e não migrantes da comunidade rural do São Félix, em Santana do Ipanema/AL concebem o mundo rural. De modo geral, refletiu-se sobre as transformações nas formas de vivenciar o mundo rural e as representações sociais sobre o campo decorrentes dessas transformações. Em algumas situações da agricultura familiar brasileira, tais transformações apontam para um mundo rural vivido mediante a mesclagem dos estilos de vida urbano e rural (CARNEIRO, 2008). Vale ressaltar que essas transformações não são homogêneas no mundo rural brasileiro, sendo mais presentes em determinados contextos sociais da agricultura familiar.

Página | 183

O município de Santana do Ipanema faz parte do médio sertão alagoano. Está localizado no semiárido nordestino. Os dados do IBGE (2010) apontam uma população de 44.932 habitantes. Na zona urbana residem 27.185 e na zona rural 17.747. Mesmo com os investimentos das últimas décadas através, sobretudo, do PRONAFⁱ, a agricultura familiar local enfrenta problemas de produtividade e de geração de renda para as famílias. Três fatores podem ser enfatizados como causas desses problemas: políticas públicas mal formuladas para convivência com a seca, estrutura fundiária composta por minifúndios de até 9 hectares, falta de tecnologia e assistência técnica aos agricultores familiares. Somado a isso ainda existem as dificuldades de acesso à educação de qualidade, a inclusão digital, a saúde e ao lazer. A comunidade rural do São Félix está localizada a uma distância aproximada de 11 quilômetros da sede do município. A população da comunidade é de aproximadamente 400 habitantes. As principais atividades agropecuárias desenvolvidas são a produção de milho, feijão e palma forrageira e a criação de rebanhos bovino, suíno, ovino e avicultura. A produção agropecuária se destina ao consumo familiar e a comercialização do excedente é realizada na feira livre do município. A comunidade tem um posto comunitário de saúde e uma escola municipal com educação infantil ao ensino fundamental.

A categoria juventude configura uma construção social. Desse modo está interligada com as relações de poder no interior das configurações geracionais e culturais. Para Bourdieu (1983), as fronteiras entre juventude e vida adulta configuram um jogo de disputas sociais, no qual entra em conflito classificações e formas legitimadas de reconhecimento. Desse modo, falar em jovens como significando uma unidade social, dotada de interesses comuns, é uma manipulação do social. Para o referido autor é necessário se analisar as diferentes juventudes, já que elas se formam segundo os

diferentes campos, escolar, cultural, econômico, nos quais estão inseridos. Isso implica pensarmos a juventude rural não como um todo homogêneo, mas buscar entender os diferentes contextos sociais e culturais que os jovens rurais vivem. As particularidades sociais, os campos de possibilidades disponíveis são fatores relevantes para se compreender os significados que os jovens atribuem as suas vivências no meio rural. Os contextos locais de vivências, as redes de relações sociais construídas e os sentidos das ações que os jovens rurais elaboram em seus cotidianos são essenciais para se compreender os sentidos que esses jovens dão às suas experiências juvenis (PAIS, 1990). No entanto, para este projeto iremos estabelecer um recorte etário compreendido entre 14 e 25 anos. Esse recorte é utilizado por vários estudiosos da temática da juventude rural no Brasil (WANDERLEY, 2007).

Historicamente, as pesquisas sobre juventude concentraram-se nas análises sobre juventude urbana, destacando os problemas da violência, das drogas, da participação política em movimentos estudantis (ABRAMO, 1997). No que concerne à juventude rural tem-se uma produção relativamente pequena (CASTRO, 2005). Dessa forma, os estudos sobre juventude rural apresentam um campo de investigação importante. Weisheimer (2005) destaca que a invisibilidade social e os processos migratórios são realidades recorrentes na vida dos jovens rurais. Essas questões estão relacionadas a uma série de dimensões sociais e culturais: geração, gênero, processo de sucessão na agricultura familiar, estrutura fundiária, precariedade na educação e restrição nas oportunidades de trabalho no campo (WANDERLEY, 2007).

Pensar sobre os jovens que moram no campo nos coloca diante dos dilemas do mundo rural brasileiro. Uma realidade que apresenta as contradições de um modelo de desenvolvimento rural baseado no latifúndio e no agronegócio. Na lógica de tal modelo a chamada “pequena agricultura” foi rotineiramente esquecida pelo Estado. O modelo de desenvolvimento rural é compreendido pelo setor dominante como somente a modernização da agricultura (WANDERLEY e FAVARETO, 2013). Como salientam os autores citados, esse modelo de desenvolvimento rural acarreta três consequências negativas para a agricultura familiar: o fortalecimento da reprodução da concentração de terras; o crédito rural direcionado sobretudo para os grandes proprietários e a desqualificação das formas de produção e tipologias da organização social oriundas da agricultura familiar.

Apesar de notáveis investimentos na última década em eletrificação rural, saúde, educação, transporte, crédito bancário para a agricultura familiar, o campo ainda enfrenta problemas sociais graves. Dados atuais (IBGE, 2011) revelam que a pobreza

extrema no Brasil, em termo relativo, é mais presente no meio rural do que no meio urbano (WANDERLEY e FAVARETO, 2013). Agregado a isso está o fato de que viver no campo significa conviver com restrições de acesso a bens, serviços e oportunidades de trabalho. Esses problemas sociais atingem, de modo especial, os jovens rurais, visto estarem em uma etapa de transformações e formação de perspectivas futuras para suas vidas. A intensidade desses problemas sociais varia nas diversas regiões rurais do Brasil. Dessa maneira, os jovens do campo vivenciam de forma diferenciada tais problemas, dependendo da região do país em que residem. Por isso se faz importante a realização de pesquisas particularizadas, que reflitam sobre as diversas maneiras dos jovens rurais vivenciarem tais problemas.

Uma outra problemática refere-se ao processo de englobamento do mundo rural nas dinâmicas modernas, tanto em termos de diversidade cultural, como na reelaboração de relações sociais, nas esferas econômica, política e social (CARNEIRO, 2008; WANDERLEY, 2009). Essas transformações no mundo rural, provocadas pelas dinâmicas sociais modernas, provocaram o surgimento das novas ruralidades. As reflexões sobre as novas ruralidades abordam, como um dos temas chaves, as redefinições das fronteiras simbólicas entre o rural e urbano, chamando a atenção para processos de imbricação dessas fronteiras, sem necessariamente haver a anulação de um desses universos socioculturais. Também se destacam as transformações sofridas na agricultura familiar relativas à formação de ocupações não agrícolas, implicando assim numa redefinição do significado de espaço rural como não sendo apenas o lugar das atividades agrícolas e pecuárias. Assim, o mundo rural passa por processo de redefinição de seu significado e, conseqüentemente, de reelaboração de suas relações sociais. Vale destacar que os jovens rurais vivenciam essas transformações mais intensamente do que a geração de seus pais.

Os jovens rurais constroem as suas representações sociais do campo e da cidade e as suas identidades sociais mediatizadas pelos valores em trânsito nos fluxos culturais globais. A intensificação do contato social e cultural entre o campo e a cidade redefine a ideia de rural como sinônimo de isolamento e de tradição, sem, no entanto, o rural perder suas formas específicas de vida social e de cultura. Com isso, queremos destacar que as representações sociais sobre o mundo rural se redefinem, mas isso não significa que ele se torna urbano (Wanderley, 2009). Como destaca a referida autora, o mundo rural é um lugar de vida e de trabalho. Lugar onde o agricultor familiar convive com outras categorias sociais e onde desenvolve uma forma de sociabilidade específica.

A maior presença de jovens nos processos migratórios está associada, segundo Menezes (2009), ao desejo de ter maior acesso a itens de consumo pessoal, como roupas, higiene e lazer e a realização dos seus projetos de vida. Nem sempre o orçamento familiar é suficiente para os jovens comprarem tais itens ou realizarem seus projetos. Então, alguns membros das famílias rurais migram, para São Paulo por exemplo, onde as oportunidades de trabalho são melhores. Além de terem maiores possibilidades de realização pessoal, os jovens migrantes entram em contato com formas de sociabilidades distintas das de sua localidade. Tal contato geralmente provoca mudanças nas concepções que eles possuem sobre o mundo rural. Essas novas concepções do mundo rural, fenômeno que Carneiro (2007) denomina como “novas mentalidades no cenário rural”, impulsionam a reelaboração das relações sociais locais, criando transformações nas formas de viver e de entender o campo.

A migração configura uma experiência histórica entre as famílias dos agricultores familiares (MENEZES, 2009). Nessa pesquisa, estamos utilizando o conceito de migração como sendo uma estratégia familiar mobilizada como mecanismo de reprodução social no interior da agricultura familiar. Assim, a saída de alguns membros da família representa uma possibilidade de busca de trabalho e renda fora do estabelecimento familiar. A renda fora de estabelecimento pode, em alguns casos, ser depois utilizada para fortalecer a estrutura da unidade produtiva, fazendo do fluxo migratório uma forma de fortalecimento econômico da família rural. Portanto, a saída do campo não pode ser entendida como uma negação do mundo rural. O processo migratório, expressa contradições sociais no espaço rural, e abre possibilidades para as famílias negociarem formas de permanência no campo.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Na pesquisa estabelecemos um recorte etário compreendido entre 14 e 21 anos. Esse recorte é utilizado por vários estudiosos da temática juventude rural no Brasil (WANDERLEY, 2007). Utilizamos a entrevista não estruturada (RICHARDSON, 2008). Essa técnica permitiu que fizéssemos uma investigação mais detalhada sobre a construção social do mundo rural pelos jovens pesquisados. Em todas as entrevistas utilizamos gravador e caderno de campo e a etnografia. Realizamos quatorze (14) entrevistas com jovens rurais e duas (02) entrevistas com lideranças locais. Do total dos jovens entrevistados, nove (09) são do sexo feminino e não migrantes, e cinco (05) do

sexo masculino e migrante. As jovens não migrantes compreendiam a faixa etária entre 14 a 19 anos. Já os jovens migrantes estavam na faixa etária entre 18 a 21 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A técnica utilizada para interpretação dos dados foi à análise de discurso. A migração dos parentes e irmãos marca a vida dos jovens rurais pesquisados. Todos os entrevistados têm família em outros estados, sobretudo em São Paulo e Minas Gerais, como também na zona da mata do estado de Alagoas. Vale destacar que esse fato facilita a rede de contatos sociais para migração dos jovens.

Para os jovens migrantes e não migrantes os estudos são entendidos como o processo através do qual eles poderão construir um futuro melhor e “ser alguém na vida”. Mesmo assim, os jovens possuem uma visão crítica sobre a educação, na qual destacam a falta de empenho do estado para fortalecer a educação local. Diante de uma educação fragilizada e da falta de emprego na zona rural, a migração apresenta-se como uma possibilidade dos jovens realizarem projetos individuais, como por exemplo, adquirir uma motocicleta.

Fotografias da pesquisa:



Figura¹: Comunidade do São Félix.



Figura²: O cotidiano escolar dos jovens.



Figura³: A praça da comunidade.



Figura⁴: Jovem migrante, professor e pesquisadora.

A valorização do mundo rural pelos jovens migrantes e os não migrantes foi relacionada à consideração da vida local, a família e as relações de vizinhança. Também qualificaram o mundo rural como “calmo”, “tranquilo” e representando o “contato com a natureza”. Pode-se perceber nas falas dos jovens que existe um sentimento de pertencimento ao local onde “nasceram e cresceram”. Esse sentimento é um fator importante na avaliação positiva que eles fazem do mundo rural. Vale destacar ainda que os jovens possuem uma visão crítica do mundo rural, enfatizando, sobretudo, a frágil cidadania existente.

Já o mundo urbano é entendido pelos jovens migrantes, como para os não migrantes, o espaço da “agitação” e da “movimentação”. A cidade é associada ao lugar com mais oportunidades de empregos e mais cidadania. No entanto, é também associada ao espaço da violência.

A dinâmica de sair ou ficar na zona rural envolve fatores variados, como a posse da terra, questões de gênero, a qualidade do acesso à comunidade, o acesso à cidadania entre outros. Para os jovens migrantes e não migrantes, o processo migratório configura uma realidade de busca dos sonhos que o jovem não conseguiria ficando na comunidade.

Para os jovens migrantes, a questão de ter estudado é fator importante para se pensar em migrar. E o fato do jovem ter migrado é visto como o fortalecimento de status perante a comunidade. Os estudos são percebidos como a possibilidade de migrar e conseguir um emprego melhor. Outra questão a ser destacada refere-se à valorização que os jovens migrantes dão ao trabalho na unidade familiar quando comparado com o trabalho no corte da cana-de-açúcar ou na construção civil. Eles destacaram que o trabalho fora da unidade familiar está sujeito às regras rígidas e a horários

rigorosamente cumpridos. Enfatizamos ainda que o fato de deixar a família e a vida local pesa muito no processo de escolha entre ficar ou sair.

CONCLUSÃO

A pesquisa no São Félix nos aproximou da realidade social dos jovens e das famílias rurais daquela comunidade. Percebeu-se durante os meses de entrevistas que os problemas com a educação do campo, com a geração de renda e com a agricultura familiar colocam os jovens em dilemas sociais, como a migração por exemplo. Ao contrário do que os discursos da grande mídia e dos gestores de políticas públicas para o campo dizem, os jovens rurais não querem deixar o campo. O processo migratório, que é histórico no campesinato brasileiro, reflete o processo de dominação da grande propriedade sobre a agricultura familiar. Sem políticas públicas sólidas, com concentração das terras em poucas famílias, e sem a presença efetiva do estado na zona rural, a agricultura familiar não consegue criar renda capaz de possibilitar aos jovens a realização dos seus projetos de vida. Assim, a migração apresenta-se como uma via para fortalecer a renda familiar e construir condições para realização dos sonhos dos jovens.

A educação foi destacada como fundamental no processo de ascensão social dos jovens migrantes e não migrantes. O mundo rural para esses jovens não se associa exclusivamente ao agrário. Ser jovem rural é desejar e planejar ter educação de qualidade e ter trabalhos nem sempre ligados à agropecuária. Ainda mais, morar no campo para os jovens pesquisados está associado à qualidade de vida por estar próximo da natureza e da paisagem calma do campo. Ir para a cidade implica na possibilidade maior de encontrar empregos e de ter acesso mais amplo à cidadania. Mas, a cidade representa também para os jovens um mundo repleto de agitação, violência e estresse. Portanto, campo e cidade se complementam nas representações sociais dos jovens.

As representações sobre o mundo rural analisadas na pesquisa mostram que a comunidade rural está ligada ao lugar das relações familiares, mas falta cidadania para seus habitantes. Os jovens rurais pesquisados transitam entre dois mundos que eles desejam: o mundo rural por ser o lugar da família e do sossego, e a cidade por ser o lugar da possibilidade de maior geração de renda. Em termos culturais, eles também estão imersos nos fluxos culturais globais. Dessa forma, está no campo não implica está fora desses fluxos, seja na moda, na música, nos estilos de cabelo. Assim, o mundo rural e o urbano apresentam-se imbricados nas representações sociais dos jovens. Esses mundos

não se excluem, complementam-se através do processo de intercâmbio entre campo e cidade vivido pelos jovens.

A pesquisa está sendo ampliada para discutirmos como o mundo rural é construído no interior das famílias rurais, buscando entender as diferentes formas de essa categoria social ser percebida nos recortes de gênero e geração. Com esse enfoque objetivamos aprofundar a discussão sobre a categoria rural como uma realidade permeada por conflito e relações de poder.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. Nº 6, p.25-36, Set/Out/Nov/Dez, 1997.
2. BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____ *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero. P112-121, 1983.
3. CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa G. de. *Juventude rural em perspectiva*. RJ: Mauad X, 2007.
4. _____. “Rural” como categoria de pensamento. *Revista Ruris*. v.2, nº 1, p.9-37, 2008.
5. CASTRO, Elisa Guaraná, de. *Entre ficar e sair: Uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. Rio de Janeiro- UFRJ-PPGAS: Tese de Doutorado, 2005.
6. MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações: uma experiência histórica do campesinato do Nordeste. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
7. PAIS, Machado José. *A construção sociologia da juventude: alguns atributos*. Análise social. v.XXV, p139-165, 1990.
8. RICHARDON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Altas, 2008.
9. WANDERLEY, Maria de N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco; que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO Maria José & CASTRO, Elisa G. de (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. RJ: Mauad X, 2007.
10. WANDERLEY, Maria de N. B. *O mundo rural como um espaço rural. Reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

11. WANDERLEY, Maria de N. B; FAVARETO, Arilson. A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. In.: MIRANDA, Carlos; SILVA, Heitel. (org.). *Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras*. IICA; Brasília, 2013.
12. WEISHEIMER, Nilson. *A situação juvenil na agricultura familiar*. Porto Alegre - UFRGS-PPS. Tese de doutorado, 2009.

ⁱ O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF foi instituído oficialmente através do Decreto Presidencial n.º 1.946, de 28 de junho de 1996, sendo concebido com a finalidade de apoiar o desenvolvimento rural, tendo como fundamento o fortalecimento da agricultura familiar, como segmento gerador de emprego e renda.